# A UTILIZAÇÃO DA DIPLOMACIA CULTURAL DO JAZZ COMO ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA DURANTE A GUERRA FRIA

## *THE USE OF JAZZ CULTURAL DIPLOMACY AS A NORTH AMERICAN FOREIGN POLICY STRATEGY DURING THE COLD WAR*

**AMANDA FERNANDES DE OLIVEIRA COELHO, AMANDA MATOS VALENTE** [1]
PUC Minas - MG
E-mail: amandacoelho95@hotmail.com
amanda.matosvalente@gmail.com

**Resumo:** O artigo tem como objetivo estabelecer uma relação entre a diplomacia cultural do jazz durante a Guerra Fria, e a projeção da imagem positiva dos Estados Unidos no Sistema Internacional. Desta forma, iremos analisar como a política externa norte-americana usufruiu da diplomacia cultural, ao difundir valores ocidentalizados de liberdade, igualdade racial e integração, através do jazz. Devido ao carisma do gênero, que permeava fronteiras com facilidade e conquistava todas as classes sociais, o jazz incorporou a agenda de política externa estadunidense. Nesse contexto, veiculou e traduziu os valores que o Estado achava pertinente disseminar com a finalidade de tornar-se mais atrativo

**Palavras-chave:** Diplomacia cultural. Jazz. Política externa. Estados Unidos. Guerra Fria.

**Abstract:** The paper aims to establish a relationship between jazz cultural diplomacy during the Cold War, and the projection of a positive image of the United States in the International System. In that sense, we will analyze how North-American foreign policy has enjoyed the cultural diplomacy, diffusing Westernized values of freedom, racial equality and integration, through jazz. Due to the gender's charisma, which permeated borders easily and conquered all social classes, jazz has incorporated the agenda of U.S. foreign policy, in order to convey and translate the values that the state thought was relevant disseminate in order to become more attractive.

**Keywords:** *Cultural diplomacy. Jazz. Foreign policy. United States. Cold War.*

---

[1] Graduandas em Relações Internacionais pela PUC Minas, com foco em política externa e instituições internacionais.

## Introdução

Durante o período da Guerra Fria, a União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) lançou inúmeras campanhas contra os Estados Unidos da América (EUA), as quais denegriam a imagem da nação, e contestavam sua cultura. Para responder à confrontação do inimigo, os EUA identificou o jazz como ferramenta fundamental para revidar as investidas soviéticas. Os artistas negros do jazz, ao atuarem como embaixadores, acabavam por imprimir um retrato dos Estados Unidos de tolerância racial e integração, e com isso mascarava problemas domésticos e conquistava zonas de influência ao redor do mundo.

A diplomacia cultural foi utilizada então, com o intuito de projetar de maneira favorável a imagem dos EUA, uma vez que configura-se como um instrumento prático para a aceitação de valores e políticas. A música, por sua vez, é portadora de uma linguagem universal, e se traduz em um ponto de interseção das nações e artifício de penetração cultural. Buscaremos então analisar o motivo pelo qual os EUA, grande potência militar com artifícios e recursos beligerantes, utilizou a cultura como ferramenta de grande eficácia para a imposição de valores.

Explicaremos também o recrudescimento do positivismo da imagem dos Estados Unidos durante a guerra, o impacto das expedições dos artistas enviados como embaixadores do jazz, e como se deu o aumento da credibilidade do Estado norte-americano no Sistema Internacional. Não obstante, analisaremos como o jazz influenciou territórios de políticas instáveis e se fez presente em zonas estratégicas de influência.

Faz-se necessário por último, examinar a atuação da Agência de Informação dos Estados Unidos (AIEU), uma vez que esta era responsável por estabelecer critérios para a escolha dos artistas e países, além de atender a fins publicitários. Por fim, investigaremos como os EUA mascarou seus problemas domésticos relativos à segregação racial, ao mesmo tempo em que utilizaram a diplomacia cultural de um grupo formado em sua maioria por indivíduos afrodescendentes.

## 2. Antecedentes da Guerra Fria

Depois de encerrada a Segunda Guerra Mundial no ano de 1945, os Estados europeus que ganhavam destaque no Sistema Internacional defrontam-se com a dificuldade de se reerguerem como grandes potências, uma vez que foram devastados pela Guerra. Esta brecha na ordem internacional criou o ensejo para a emergência de duas grandes potências: Os Estados Unidos e a União Soviética. Durante a Segunda Guerra Mundial, as duas nações lutaram lado a lado, entretanto, quando a guerra se deu por terminada, se distanciaram tendo em vista as posições ideológicas de cada uma (DAVENPORT, 2009).

Enquanto a URSS encorajava a expansão do comunismo, os Estados Unidos almejava a consolidação da liberal democracia no mundo. Embora as duas nações tenham se tornado rivais, não houve enfrentamento direto, visto que possuíam grande estoque de armamento nuclear – o que não impediu que se confrontassem em outras áreas como na crise dos mísseis em Cuba, na invasão soviética na Tchecoslováquia e na Guerra do Vietnã. Um conflito direto entre as duas nações significaria o fim dos dois Estados, o que ameaçava a segurança mundial (DAVENPORT, 2009).

A política externa norte-americana durante a Guerra Fria deparou-se com o fato dos EUA ter se tornado uma superpotência. Segundo Pecequilo (2003), a história da política externa americana se divide em quatro grandes momentos: Confrontação (1947-1962), Coexistência Pacífica (1962-1969), Détente (1969-1979) e Renascimento e Fim da Contenção (1979-1989). Pecequilo (2003) enfatiza o abandono da América Latina como principal palco da política externa americana, o que remete a um caráter mais internacionalista por parte dos EUA, já que o território latino-americano não representava grande ameaça para o avanço do comunismo. A América Latina não representava ser um território de grande importância para os americanos visto que sua presença já estava marcada através da Bossa Nova, que por sua vez, derivava-se do jazz. Desta forma, é possível notar a importância dos EUA dentro do território, em especial no Brasil, ao influenciar músicas de contestação social durante o período da ditadura militar.

Os Estados Unidos queriam exportar para outros Estados os valores de democracia e liberdade, então começaram a utilizar a diplomacia cultural a seu favor, ao incorporar elementos culturais na sua agenda de política externa. Desta maneira contestavam a imagem de Estado militarista, materialista e em decadência cultural, resultado das campanhas soviéticas de 1950 "Ódio aos EUA" [2] (DAVENPORT, 2009).

> O mercado de jazz de discos para gramofone também se beneficiou da característica de internacionalidade de seu público. Até certo ponto, as pequenas vendas de um país eram suplementadas pelas vendas acumuladas de vários outros. Por exemplo, discos de King Oliver foram lançados nos Estados Unidos, Canadá, Argentina, França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Tchecoslováquia, Suécia, Dinamarca, Itália, Holanda, Austrália e Japão (HOBSBAWN, 1989: p. 234-235).

## 3. Os Estados Unidos e a Diplomacia Cultural

De acordo com Edgar Montiel (2007), quando se está inserido em um contexto de interculturalidade efervescente e magnificação do poder simbólico, a cultura se volta para uma prática social coletiva influente nas Relações Internacionais. Desta forma, a cultura passa a ser utilizada pelos EUA como ferramenta de política externa, com seu ápice logo depois da Segunda Guerra Mundial. Consonante a Ribeiro (2011), a cultura passa a ter um posto de grande relevância dentro da política internacional, seria uma revolução cultural – precedida das revoluções agrária, industrial e tecnológica.

A revolução cultural, por sua vez, seria possibilitada através da revolução tecnológica, contudo, conseguiria causar um impacto maior do que a última. O cinema, os meios eletrônicos de divulgação, a publicidade, entre muitos outros fatores, que possam ser aqui evocados, de certa forma alteram costumes e hábitos, e exercem influências sobre culturas que por sua vez chegam a ser muito ameaçadas em sua identidade (RIBEIRO, 2011).

> Primeiro, o departamento de Estado expande atividades culturais a um número maior de regiões geográficas; segundo, orienta as suas prioridades com fim propagandístico com a criação da Agência de Informação dos Estados Unidos em 1953; terceiro, o Departamento de Estado chama para fazer programas de intercâmbio de pessoas –

[2] Campanha de antiamericanismo criada em 1950 pela URSS com o intuito de transmitir uma imagem negativa dos EUA.

> negras e brancas – em programas culturais, assim como de livros, literatura e meios de comunicação (DAVENPORT, 2009: p. 21-22).

Logo, os Estados Unidos buscava projetar-se de forma positiva em nível internacional para tornar-se mais atrativo aos olhos das outras nações e, em consequência, conduzir a uma receptividade maior de seus valores. Contudo, consonante a Tickner (2010), a cultura muitas vezes é ministrada de maneira errônea tendo em vista que de maneira geral não se leva em consideração seus valores, influências e interesses econômicos e políticos.

De acordo com Ribeiro (2011), o Estado tem como propósito a projeção de seus valores, e de acordo com a importância política atribuída ao país, estes valores terão maior ou menor apreciação. A maioria dos países desenvolvidos acabam por utilizar da insurgência da cultural e de seus valores, e criam uma teia e laços entre suas diversas esferas, sejam elas econômicas, políticas, de assistência técnica ou culturais. Logo, desencadeiam diplomacias mais concretas e vinculantes, ampliam suas interligações, permeiam ideias, produtos e negociação de alianças.

> A "diplomacia cultural" compreende os principais componentes ou instrumentos do que é chamado, nos Estados Unidos, de "diplomacia pública." Diplomacia pública mais comumente "refere-se a programas patrocinados pelo governo destinados a informar ou influenciar a opinião pública em outros países; seus principais instrumentos são: publicações, filmes, intercâmbios culturais, rádio e televisão" (*U.S. DEPARTMENT OF STATE*, 1987: p. 85, tradução nossa).[3]

Ribeiro (2011: p. 31) apresenta os pontos que são fomentados quando a diplomacia cultural é utilizada. São eles:

a) Intercâmbio de pessoas;
b) Promoção de arte e dos artistas;
c) Ensino de língua, como veículo de valores;
d) Distribuição integrada de material de divulgação;
e) Apoio a projetos de cooperação intelectual;
f) Apoio a projetos de cooperação técnica;
g) Integração e mutualidade na programação.

[3] "Cultural diplomacy" comprises key components or instruments of what is called, in the United States, "public diplomacy." Public diplomacy most commonly "refers to government-sponsored programs intended to inform or influence public opinion in other countries; its chief instruments are publications, motion pictures, cultural exchanges, radio and television.

A diplomacia cultural então, seria utilizada para promover um conhecimento mútuo entre os Estados com finalidade de garantir a paz mundial, assim como promover a disseminação de seus ideais políticos e valores a partir da difusão cultural para assegurar efeitos positivos à imagem americana. Neste contexto, pode-se entender a música como ferramenta de política externa transmissora de uma linguagem universal, por estreitar fronteiras e penetrar territórios estrangeiros (SCHMELZ, 2009). "Em nenhum lugar as ideias e crenças da Guerra Fria foram melhor refletidas do que nas artes, especialmente a música" (SCHMELZ, 2009: p. 4).[4]

> Com pouco mais de cem anos, o jazz nasceu e mantém-se como uma música libertária, criada nos Estados Unidos por negros, cujo passado associado à escravidão produziu um gênero altamente vinculado às questões político-sociais que atravessaram o século XX. Considerado marginal, mostrou-se, desde o princípio, sob uma perspectiva não conformista, que se consolidaria como instrumento de luta contra as desigualdades e as diversas formas de racismo (BERENDT; HUESMANN, 2014: p. 13).

O jazz ia além das fronteiras americanas, era disseminado ao redor do mundo. Nos EUA representava o sonho libertário dos negros que ainda se viam na luta contra a segregação e o preconceito. Um dos elementos contestados pela URSS foi a segregação e opressão dos negros que eram privados de vários direitos sociais, civis e políticos. O jazz enfatiza a igualdade na diferença e é, na realidade, uma diversidade igualitária.

## 4. A Escolha pelo Jazz

Segundo Hobsbawn (1989), o jazz seria um elemento que desencadearia a decadência burguesa. Comunistas que viviam em países ocidentais, se esforçavam a tentar negar as investidas jazzísticas, porém, em sua grande maioria a comoção pelo estilo musical foi grande, o que fez com que a hostilidade soviética ao jazz não obtivesse grande sucesso. Ainda segundo o autor, o jazz é responsável por recrudescer emoções "poderosas" e "tenazes" tanto a nível doméstico quanto a nível internacional, isto é, entre seus adoradores e seus oponentes. Mesmo com grande animosidade entre os blocos capitalista e comunista, os jornais soviéticos e comunistas britânicos continuaram a publicar resenhas de jazz, dado a sua imensa atratividade.

> Em tempos de "valores musicais fetichizados" e "audição regressiva", a música devia, pois, recuar-se e tornar-se árida, indigesta, angustiante, de modo a despertar no ouvinte, pela experiência do choque, a consciência dos horrores da vida alienada (ADORNO, 1975: p. 173).

[4] Nowhere were Cold War ideas and beliefs more common currency than in the arts, especially music.

> Consideremos apenas o extraordinário fervor que o jazz tem quase sempre conseguido gerar entre seus devotos, e que leva seus amantes a tratar seus músicos famosos como se fossem modelos, heróis ou santos, e os mais maduros a transcender as barreiras da lealdade não musical com incrível facilidade (HOBSBAWN, 1989: p. 327).

Assim como dissertou Hobsbawn (1989), o jazz seria descrito como uma música democrática. Existiria um novo culto que envolveria o jazz, com uma grande vantagem sobre a música tradicional, sem fazer distinção entre classes. No início o jazz era uma música para ser apreciada pelos menos intelectuais ou especialistas, pelos menos privilegiados, menos educados ou experientes, tanto quanto por outras pessoas. "O jazz era um manifesto musical de populismo, fruto de um esforço popular, ou seja, uma conquista sobre a cultura da minoria. Foi a arte que mais perto chegou de derrubar as barreiras de classe" (HOBSBAWN, 1989: p. 331).

Conforme escreveram Berendt e Huesmann (2014), o jazz precisa do ser humano, da sua presença concreta e individual, da sua habilidade artesanal para moldar o som e traduzi-lo na expressão de um "ser vivo que pensa, sente e propõe". Sua origem remonta ao tráfico negreiro para a América – com incidência maior para o sul dos EUA, região de Nova Orleans, capital do jazz no país –, onde os escravos traziam consigo forte influência da música africana tribal (BERENDT; HUESMANN, 2014).

A partir do momento em que os escravos aprendiam a música europeia, permitiam-se à licença poética para satirizá-las em suas próprias canções, com instrumentos improvisados e disponíveis. Assim, com o passar dos anos, o jazz passou a carregar um cunho social ao tornar-se a tradução do movimento negro e libertário (BERENDT; HUESMANN, 2014).

> O jazz é a música da América, nascida entre milhões de negociações americanas, entre ter e não ter, entre a felicidade e a tristeza, o campo e a cidade, entre brancos e negros, homens e mulheres, entre a Europa velha e a África, que só se pode dar em um mundo totalmente novo... É uma arte improvisada que se faz sobre a marcha, igual a do país que lhe deu vida (BERENDT; HUESMANN, 2014).

Por ser originário da África, o jazz tornou-se uma alternativa para o governo norte-americano, com o objetivo de projetar uma imagem democrática aos setores mais oprimidos da sociedade e torná-lo representante internacional da superpotência estadunidense. O jazz era representante

também de uma dádiva que apenas um novo mundo, recheado da simbiose cultural africana e europeia poderia conceber, motivo pelo qual a URSS não poderia competir (HOBSBAWM, 1989).

"A crença de que o negro americano representava de certa maneira elementos desejáveis não encontradiços na civilização branca, foi amplamente espalhado na América do Norte e na Grã-Bretanha" (HOBSBAWM, 1989, p 332). Segundo Hobsbawn (1989), a autenticidade do jazz só poderia ser concedida ao negro, pois o jazz do branco era plágio ou não autêntico. Por não possuírem o mesmo sentimento e não carregarem a mesma bagagem de vida, os jazzistas brancos seriam incapazes de expressar em suas músicas a verdadeira essência do jazz.

> Muitas vezes, principalmente entre os integrantes, das classes média e superiores, tomou a forma mais complexa de uma espécie de idealização parcial de grupos sociais que eram em outros aspectos, odiados, desprezados e oprimidos: trabalhadores (principalmente os não especializados) e camponeses, mulheres árias sociais como criminosos e prostitutas, povos oprimidos como negros e ciganos (HOBSBAWN, 1989: p. 333)

O crescente medo de uma nova guerra mundial recrudescia a partir da hostilidade entre os blocos capitalistas e socialistas, ao criar medo e temor mundiais. Segundo Dinerstein (1972), um único erro de julgamento poderia ter consequências momentosas e levar a iminência de uma guerra nuclear. Tanto os países que faziam parte do palco do embate capitalista-comunista, como os que se posicionavam em territórios periféricos, se sentiram ameaçados pela instabilidade do sistema.

Os Estados Unidos, por sua vez, ao perceber o impacto do novo modelo econômico soviético, começou a alocar recursos tanto para a proteção da sua população quanto para a defesa de seus territórios de influência. Logo, tentou fortalecer o seu *framework*, ou seja, a sua política doméstica, ao dar cada vez mais suporte para o crescimento do capitalismo. "O sistema propriamente dito estava destinado a perdurar porque o seu próprio horror o dotava de força demoníaca" (DINERSTEIN, 1972: p. 106). Apesar de tais palavras exemplificarem a visão do americano acerca do socialismo, elas também demonstram o impacto do modelo em suas fronteiras, a resposta e o desenho que seu povo fazia da URSS perante a nova conjuntura.

Em busca por conter o avanço do comunismo, e exportar à outras regiões os valores norte-americanos de democracia, igualdade racial e integração, o então presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, em 1954, propôs uma estratégia de política externa denominada

diplomacia do jazz (VON ESCHEN, 2006). Durante a Guerra Fria, o governo estadunidense utilizou uma estratégia de política externa para se tornar mais atrativo aos olhos do mundo, e também para poder permear fronteiras e embutir seus ideais com maior facilidade.

Tota (2009), alega que o presidente da época, Dwight D. Einsenhower, utilizou com sagacidade um estilo musical emergente nos Estados Unidos da América (EUA). O jazz fomentava a integração de brancos e negros e, não obstante, era uma fonte lucrativa para as rádios e as gravadoras de discos. Ao contrário do que ocorria com outras manifestações artísticas durante os séculos, não foi a elite que pressionou os interesses estatais. O jazz surgiu nos bairros negros, de uma miscigenação da condição de vida dos escravos com a miséria e o sofrimento. A música era tão envolvente que os americanos brancos foram alvos fáceis.

Penny Von Eschen (2006), explanou sobre os interesses nacionais refletidos nas relações internacionais do país: se dentro das fronteiras nacionais o jazz conseguiu uma aceitação tão grande, por que não incentivar uma sedução ideológica em territórios de interesse e de regimes políticos instáveis? Assim como argumenta Keohane e Nye (1989), as políticas governamentais também são pautadas em grupos de interesses que não o Estado e o governo, o que gera novos atores capazes de definir diretrizes políticas para o país.

Ademais, os Estados Unidos também atingiu outro ponto ao usar o jazz como ferramenta de política externa. A questão dos negros nos EUA chamava atenção no resto do globo, pois a segregação ainda fazia parte da cultura americana. O Estado investiu em estreitar laços entre as estratégias governamentais e a diplomacia, que seria constituída em sua maioria por jazzistas negros (VON ESCHEN, 2006).

O carisma do jazz era tão grande que enviava seus embaixadores para regiões de política e alinhamento instáveis como a América Latina, Oriente Médio, África Subsaariana, e para a própria União Soviética. Tal estratégia consistiria na celebração de audições dos maiores intérpretes do estilo musical ao redor do mundo, entre eles estavam grandes nomes da música como Louis Armstrong, Benny Goodman, Dizzi Gillespie e Milles Daves. “Gillespie e outros artistas de jazz negros estavam viajando pelo mundo como parte dum programa governamental

dedicada a demonstrar a superioridade da cultura e dos valores nacionais dos Estados Unidos" (GILLMAN, 2014: p. 24).

Desta forma, é possível observar que não só o governo foi responsável por estabelecer os laços internacionais do país, como também utilizou de símbolos e personalidades da música americana para desencadear tal política, isto é, a política de Estado foi feita também, e em grande medida, por atores governamentais. Segundo Ribeiro (2011), as relações culturais internacionais não terão mais o cerceamento do Estado para desempenharem seus papeis no sistema internacional, este também seria palco para a atuação de novos atores como os indivíduos, comunidades e entidades vinculadas as mesmas.

Outra estratégia foi transmitir programas de rádio, em emissoras internacionais[5], com a finalidade de mostrar e afirmar a superioridade norte-americana. Os EUA nada mais fez do que utilizar o jazz para fins políticos e de publicidade. "Bárbaros culturais"[6] foi o nome cunhado pela URSS ao se referirem aos EUA, além disso, essa tentava fazer o mesmo jogo com Academia de Balé Bolshoi[7]. Todavia, o jazz por sua vez, servia melhor todas as classes sociais, assim como, a maioria dos países neutros (KAPLAN, 2008).

Do mesmo modo que os Estados Unidos tentou impor suas preferências, através do jazz, para ganhar aliados e zonas de influência no mundo, outros Estados podem fazer o mesmo com a finalidade de constrangê-lo – como fez a URSS ao utilizar a Academia de Balé Bolshoi como ferramenta de política externa. O jazz, por exemplo, entra como instrumento de política externa americana para aplicar-se como controlador dos resultados favoráveis aos EUA.

Para Gillman (2014), tendo em vista que era fácil convencer outros territórios a estreitarem fronteiras com o mundo capitalista, os jazzistas faziam com que a América conseguisse mais parceiros ideológicos e saísse na frente da lógica comunista soviética. A intenção dos EUA era conseguir mais e maiores parceiros para manter sempre a superioridade face à URSS.

[5] Segundo Cull (2008), uma das medidas adotadas foi a criação do *Voice of America*, emissora de rádio que desempenhou um papel determinante na promoção do jazz. No início, com esta emissora, buscou-se emitir as notícias internacionais concernentes a Segunda Guerra Mundial, através da perspectiva estadunidense.

[6] O termo é um elemento da campanha "Ódio aos EUA" adotado para corromper as características culturais dos EUA.

[7] Companhia de balé clássico russa.

A agenda internacional dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, adquiriu temas de *low politics*. Isso ocorreu pelo fato de o país ter se sentido ameaçado pela expansão do socialismo, e desejar agregar seguidores para o estilo de vida capitalista ocidental. Ao utilizar a diplomacia cultural do jazz para transmitir seus princípios em uma época de conflitos ideológicos, os EUA fortaleceu sua política externa. O jazz foi uma ferramenta ideal para colocar o país em evidência, tendo em vista que a música é uma linguagem universal que irrompe fronteiras de maneira fácil e dissemina valores pré-estabelecidos.

Imagem 1 - Louis Armstrong se apresenta na Necrópole de Gizé, Cairo, Egito

Fonte: (MERIDIAN INTERNATIONAL CENTER, 2008).

A Agência de Informação dos Estados Unidos ficaria encarregada de avaliar e selecionar os países escolhidos para visitas dos Embaixadores, tendo em vista a estratégia e interesses da política externa americana. Iria se encarregar também da publicidade dos eventos – em ambiente nacional e internacional –, bem como embaixadas e consulados (DAVENPORT, 2009).

Diante disso, desejava-se passar a imagem positiva de que, conforme descreveu Kaplan (2008), do mesmo modo que um jazzista é livre para improvisar, um indivíduo é livre para atuar em um sistema democrático, já que pode dizer e fazer o que quiser desde que obedeça às leis do sistema – o que evidencia o respeito a diferença. Um exemplo muito claro da atratividade do jazz ocorreu em uma conversa coloquial entre Dave Brubeck e um fã polaco, que reportou: “O que você

trouxe para a Polônia não foi só o jazz. Foi o Grand Canyon, o Empire State Building, foi a América" (KAPLAN, 2008, tradução nossa)[8].

Imagem 2 - Benny Goodman saudando Nikita Krushev em viagem à URSS

Fonte: (MERIDIAN INTERNATIONAL CENTER, 2008).

## 5. A Diplomacia Cultural do Jazz e as Relações Internacionais

O assunto possui extrema relevância para o âmbito das Relações Internacionais, por abordar o poder brando americano em tempos de crise ideológica em detrimento do tradicional uso da força física e expoentes militares estadunidenses. O estudo da diplomacia cultural do jazz configura a sua importância e demonstra o peso da difusão dos elementos culturais e de identificação. Apesar de incorporar elementos políticos e sociais americanos e difundi-los por meio de uma linguagem universal, intitulada música que, por sua vez, permeia barreiras com extrema facilidade.

Para defender seus ideais e assegurar os fundamentos democráticos no Sistema Internacional – ao espalhar paradigmas ocidentais capitalistas norte-americanos –, os EUA abre mão da utilização do *hard power*[9], tenta estreitar fronteiras e se inserir em território estrangeiro a partir do carisma do jazz (MONTIEL, 2007). Como cantou Louis Armstrong, "O Departamento de Estado descobriu o jazz, ele chega às pessoas como nada antes, quando sentem aquele ritmo jazzístico, sabem que estamos realmente com elas" (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA, 2013).

[8] "What you brought to Poland wasn't just jazz. It was the Grand Canyon, it was the Empire State Building, it was America."

[9] Utilizar recursos materiais, militares e econômicos, como forma de exercer seu poderio perante ao cenário internacional.

Durante o período da Guerra Fria, os Estados Unidos valeu-se da política externa do presidente Dwight D. Eisenhower, cunhada de diplomacia cultural do jazz, com o objetivo de influenciar e passar uma imagem positiva dos EUA em oposição ao socialismo soviético. O jazz foi consagrado como uma das primeiras características do movimento afro-americano dentro do território estadunidense. Não obstante, em busca da igualdade racial, combate a segregação e novas oportunidades de emprego, os negros saíram do berço do jazz em Nova Orleans, na Louisiana, e dirigiram-se rumo ao norte dos EUA, o que faz com que com que o jazz fosse se espalhe em todo o território americano, e se torna um dos símbolos do Estado (TOTA, 2009).

> O jazz – a grande invenção da cultura negra de Nova Orleans – foi, sem dúvida, uma manifestação de resistência dos afro-americanos. (...) Comprar o último lançamento de um blues virou moda. As gravadoras produziam em massa para um mercado cada vez mais ávido. Esse era o novo país que nasceu com a Primeira Guerra Mundial: Os Estados Unidos prósperos, ricos e consumistas (TOTA, 2009: p. 135-138).

O jazz evolui nos clubes e nos pequenos encontros de negros do Sul. As reuniões foram ganhavam proporção, e se tornavam sarais que evoluiriam até chegarem as grandes salas de dança de Manhattan e nos bairros de negros das metrópoles americanas. Segundo Solé (1990), ao mesmo tempo na Europa, o jazz também se espalhava. Alguns jazzistas acompanhavam estrelas de cinema em suas estreias, tocavam em grandes estabelecimentos e lançaram a moda dos festivais de jazz. Em 1948 a França contou com Louis Armstrong, Rex Stewart e Mezz Mezzrow, para fazerem uma apresentação amistosa do estilo musical. Porém, em 1947, um festival já tinha sido lançado na Checoslováquia e pouco a pouco foi se dispersou pelo globo.

O governo estadunidense utilizaria práticas culturais para chamar atenção para o *american way of life*[10], bem como para o estilo de vida capitalista ocidental, o que possibilita a utilização do jazz como ícone que traduzia os ideais de liberdade, igualdade racial e integração estadunidenses. "Um Estado investe em recursos de poder quando se liga a aliados ou cria regimes internacionais em que desempenha um papel central" (KEOHANE, 1984: p. 24, tradução nossa).

De acordo com Keohane (1984), os EUA valeu-se da diplomacia cultural como estratégia de política externa, por considerar a música uma linguagem universal fácil de permear fronteiras,

[10] "Estilo de vida americano", expressão utilizada pela mídia durante a Guerra Fria para enfatizar as diferenças da qualidade de vida nos blocos capitalista e socialista.

transmitir os valores pré-estabelecidos, e colocar os Estados Unidos em evidência. Também é de extrema importância analisar a difusão de informações, tendo em vista que a AIEU teve grande relevância para a política externa americana, pois foi delegado a ela o poder de estabelecer critérios para a determinação, avaliação e seleção de meios, artistas e Estados interessantes para a promoção da diplomacia do jazz.

> Assim em junho de 1953, dá-se seguimento a criação da Agência de Informação dos Estados Unidos (AIEU), com o propósito de persuadir os povos de outras nações, por meio da utilização de técnicas de comunicação, para explicar como os objetivos e políticas dos EUA estão em harmonia com as aspirações legítimas de liberdade, progresso e paz. A maior parte do mundo experimentou em primeira mão as ideias e a cultura norte-americana (NILSEN, 2011: p. 54).

Segundo Cull (2008), este foi o meio utilizado pelos EUA para se tornar presente no resto do mundo, ao difundir seus ideais e mantê-lo como superpotência na ordem no sistema internacional. A União Soviética fazia diversas campanhas com objetivo de difamar e desprestigiar os EUA.

## 6. A Agência de Informação dos Estados Unidos

Conforme salientou Nilsen (2011), para combater as investidas soviéticas era necessário contra-atacar com uma imagem positiva do país. Assim, fez-se necessário a criação da Agência de Informação que iria utilizar o jazz como meio propagandístico e tornar os EUA interessante e aprazível dentro do Sistema Internacional. O intuito era convencer que o modelo de vida americano era melhor face ao soviético. A AIEU então, ficaria encarregada de escolher os artistas que entrariam em turnês internacionais, os países que seriam interessantes em manter influência americana, bem como, utilizar meios culturais para permear suas informações, como por exemplo, imprensa, noticiários, panfletos, fotos (NILSEN, 2011).

Desta forma, o jazz passou de um estilo musical aprazível para uma mercadoria e ferramenta de política externa dos Estados Unidos para garantir aliados. Desde 1950, no governo de Harry S. Truman, no contexto temporal delimitado pela Confrontação (1947-1962), foi pensada uma instituição de diplomacia cultural que fosse adequada ao novo rumo da política internacional. Este seria o primeiro passo para a criação da posterior AIEU (NILSEN, 2011).

Seu intuito era propagar uma imagem positiva dos EUA, por ser capaz de captar a essência das políticas norte-americanas e também de convencer que esta era a imagem que eles almejavam, símbolo de todos os seus desejos. A AIEU foi criada pelo presidente conseguinte Dwight D. Eisenhower, em junho de 1953, e sua diretriz de política externa promover ajuda na coleta de informações e elaborar estratégias com fins publicitários (NILSEN, 2011).

De acordo com Cull (2008), em primeira instância, a agência coletou dados em meio a opinião pública sobre a reputação que os Estados Unidos detinha internacionalmente na época. Sua segunda função foi ser verossímil ao divulgar notícias dos conflitos armados, por acreditarem que disseminar a verdade é uma forma de rebater a propaganda inimiga. A vertente cultural passou a ter ainda mais relevância com o fim do anos 50, já que algumas lacunas militares faziam parecer que a URSS estava ganhando a Guerra Fria. O presidente Dwight D. Einsenhower defendia que a guerra de informações era essencial para vencer a guerra ideológica com os soviéticos.

O programa de rádio *Voice of America* (VOA)[11] existia desde a Segunda Guerra Mundial, mas durante a Guerra Fria passou para os cuidados da AIEU, e foi utilizado como ferramenta de recolhimento de notícias em zonas de conflito. Além de transmitir o programa VOA, a agência estruturou todas as atividades culturais, publicou livros e revistas em vários idiomas, e esteve presente em 175 nações (CARRASQUILLA, 2012).

Assim foi elaborada a AIEU, com a possibilidade de investigar o ganho para o Estado, através da captação e disseminação de informações relevantes para o conhecimento (poder) e imagem da nação. A AIEU seria responsável por toda a área publicitária do programa, bem como definiria onde, como, e a estratégia a ser utilizada para tornar a diplomacia cultural do jazz a grande arma secreta americana.

[11] Criado em 1943, foi um importante instrumento de política externa norte-americana. Era transmitido em diversos idiomas por todo o globo, em especial, países europeus e asiáticos com regimes comunistas.

## Considerações Finais

A utilização da diplomacia cultural do jazz como estratégia de política externa, foi o resultado da tentativa de exteriorizar personalidades do estilo musical que levavam consigo emblemas de uma imagem positiva da América, igualitária, pautada na liberdade e forte integração. Isto é, o Estado utilizou do personalismo de músicos para tornar sua nação mais atrativa aos olhos do mundo, o que se caracteriza como uma diplomacia estatal indireta. Os EUA utilizou o jazz como símbolo de sua pátria, pelo fato de o carisma do gênero o tornava um dos meios mais fáceis de imprimir valores e veiculá-los.

Tendo em vista o problema exposto, podemos relacionar o nível transnacional com a utilização de jazzistas como "embaixadores do jazz" – nome cunhado para distingui-los em missões diplomáticas e lembra-los de seu dever para com a nação. Dizzy Gillespie, Benny Goodman, Louis Armstrong e Dave Brubeck foram alguns dos grandes nomes do jazz escalados para disseminar o carisma do estilo musical em zonas de interesse americano, como resultado de uma pátria igualitária e democrática (MONTIEL, 2007).

Portanto, a estratégia de política externa denominada diplomacia cultural, emerge no momento em que a difusão do jazz tem conquistado o apreço de várias camadas sociais, não só em ambiente doméstico mas também internacional. Os Estados Unidos queria mostrar ao mundo que o domínio da América estendeu para além das esferas militares e econômicas, e atingiu a arena cultural.

As expedições do jazz buscavam disseminar a imagem de uma sociedade harmônica que pautava-se na igualdade racial, e os jazzistas negros eram os principais símbolos desta política. O jazz, portanto, seria uma ideia que aproveitou a emergência do estilo musical nos Estados Unidos, uma vez que ganhava cada vez mais credibilidade, e conquistava o apreço de todas as camadas sociais, não apenas no nível doméstico, mas também internacional.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. (1975), "O fetichismo na música e a regressão da audição". In Textos Escolhidos, editado por BENJAMIN et al., São Paulo, Abril, p. 193.

BERENDT, Joachim-Ernst; HUESMANN, Günther. (2014), *O livro do jazz: de Nova Orleans ao século XXI*. São Paulo: Sesc.

CULL, Nicholas J. (2008), *The Cold War and the United States Information Agency: american propaganda and public diplomacy, 1945-1989*. Nova York: Cambridge University Press.

DAVENPORT, Lisa E. (2009), *Jazz diplomacy: promoting America in the Cold War era*. Jackson: University Press of Mississippi.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA (2013) 'Embaixadores de verdade: Estados Unidos exportam jazz' (Washington D.C.: Bureau de Programas de Informações Internacionais),http://photos.state.gov/libraries/amgov/133183/portuguese/P_The_Real_Ambassadors_America_Exports_Jazz_Portuguese_digital.pdf.

DINERSTEIN, Herbert S. (1972), "O ponto de vista soviético". In Os Estados Unidos e o mundo: da doutrina Truman ao Vietnã, editado por OSGOOD et al., São Paulo, Ibrasa, pp. 105-180.

GILLMAN, Anne. (2014), *Música, raça e nação: políticas culturais dos Estados Unidos na época da Guerra Fria e do Brasil na era Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

HOBSBAWN, Eric J. (1989), *História social do jazz*. São Paulo: Paz e Terra.

KAPLAN, Fred (2008), 'When ambassadors had rhythm' (Nova York: The New York Times),http://www.nytimes.com/2008/06/29/arts/music/29kapl.html?pagewanted=2&_r=2&sq=jazz%20dipl omacy%20during%20the%20Cold%20War&st=cse&scp=1.

KEOHANE, Robert O. (1984), *After hegemony: cooperation and discord in the world political economy*. Princeton: Princeton University Press.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. (1989), *Power and interdependence*. Glenview: Scott Foresman, pp. 228-263.

MERIDIAN INTERNATIONAL CENTER (2008), 'Jam session: America's jazz ambassadors embrace the world' (Washington D.C.: Meridian),http://www.meridian.org/jazzambassadors.

MONTIEL, Edgar. (2007), "La cultura, recurso estratégico de la política internacional: introducción al concepto". In Encuentro andino sobre diplomacia cultural, editado por MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Bogotá, Comitê Editorial do Ministério das Relações Exteriores, pp. 17-42.

NILSEN, Sarah. (2011), *Projecting America, 1958: film and cultural diplomacy at the Brussels World's Fair*. Jefferson: McFarland & Company.

PECEQUILO, Cristina S. (2003), *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

RIBEIRO, Edgard T. (2011), *Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

SCHMELZ, Peter J. (2009), "Music in the Cold War". The Journal of Musicology, vol. 26, No 1, pp. 3-16.

SOLÉ, Julián V. (Org.) (1990), *The jazz masters: 100 anos de swing*. Barcelona: Ediciones Folio, v. 41.

TICKNER, Arlene B. (2010), "El ABC de la diplomacia cultural". In Documentos do Departamento de Ciência Política editado por UNIVERSIDADE DOS ANDES, Bogotá, pp. 24-28.

TOTA, Antônio P. (2009), *Os americanos.* São Paulo: Editora Contexto.

U.S. DEPARTMENT OF STATE (2005), 'Cultural diplomacy: the linchpin of public diplomacy' (Washington D.C.: U.S. Department of State),http://www.state.gov/documents/organization/54374.pdf.

VON ESCHEN, Penny M. (2006), *Satchmo blows up the world: jazz ambassadors play the Cold War*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.